

TRILHA DOS SABERES: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM PLANTAS MEDICINAIS

Heliara Carrer de Lima (UEM)

Higor Vieira da Silva (UEM)

Jhames Willian Castelan de Menezes (UEM)

Samira Dib Perez de Paula Silva (UEM)

Débora Nobile Clausen Peraro (UEM)

Debora Cristina Baldoqui (UEM)

E-mail: ra139019@uem.br

Resumo:

As plantas medicinais têm sido utilizadas pela humanidade desde as civilizações antigas, no entanto, muitos mitos ainda cercam seu uso, principalmente a ideia equivocada de que produtos naturais são isentos de riscos. O projeto de extensão "Entre folhas e fatos", desenvolvido por estudantes da Universidade Estadual de Maringá (UEM) durante a Expoingá 2025, teve como objetivo promover a conscientização da população sobre o uso responsável de plantas medicinais, integrando saberes populares ao conhecimento científico. A ação contou com atividades educativas e materiais informativos que esclareceram aplicações terapêuticas e riscos de espécies como *Catharanthus roseus*, *Phyllanthus niruri*, *Papaver somiferum* e *Salix alba*. Observou-se grande interesse e engajamento da comunidade, revelando a importância de iniciativas que aproximem ciência e sociedade.

Palavras-chave: conhecimento popular; princípio ativo; popularização da ciência.

1. Introdução

Historicamente, as plantas medicinais desempenharam um papel essencial na saúde humana, sendo utilizadas desde as primeiras civilizações como recurso para o tratamento de doenças (Newman; Cragg, 2019; Viegas Jr.; Bolzani; Barreiro, 2006). O conhecimento acumulado ao longo do tempo, transmitido inicialmente pela observação empírica, transformou-se em base para a identificação de substâncias ativas que marcaram a história da farmacologia moderna. Diversos fármacos

amplamente utilizados atualmente, como a aspirina, a morfina e a vincristina, têm sua origem diretamente associada a compostos naturais extraídos de plantas, ilustrando a estreita relação entre o saber popular e a ciência (Simões *et al.*, 1999; Viegas Jr.; Bolzani; Barreiro, 2006).

Apesar dessa relevância, ainda persiste na sociedade uma percepção equivocada de que a Química está dissociada do natural, muitas vezes associada apenas a riscos e toxicidade. Expressões como “isso é natural, não tem química” revelam a necessidade de maior conscientização sobre o fato de que os efeitos terapêuticos, benéficos ou adversos, das plantas medicinais resultam justamente de substâncias químicas presentes em sua composição (Franca *et al.*, 2021).

O projeto de extensão “Plantas medicinais: Cultura popular versus Ciência” (Projeto nº 2076/2024), vinculado ao Departamento de Química (DQI), contou, nesta primeira edição, com 15 discentes dos cursos de Química e Farmácia. O projeto visa promover a valorização e o entendimento crítico do potencial terapêutico das plantas, aproximando a comunidade do conhecimento científico. Uma das atividades desenvolvidas pelos discentes do projeto é a “Trilha dos saberes”, que busca evidenciar que a Química e a tradição popular podem caminhar juntas na compreensão dos efeitos das plantas medicinais.

2. Metodologia

A atividade “Trilha dos Saberes” foi apresentada na ação “UEM na Expoingá 2025”, e foi desenvolvida em três etapas integradas. (1) Capacitação: discentes do projeto de extensão “Entre folhas e fatos” pesquisaram sobre os temas plantas medicinais, princípios ativos e atividades biológicas. (2) Produção de materiais: os estudantes selecionaram quatro espécies amplamente utilizadas na medicina popular — *Catharanthus roseus* (vinca), *Phyllanthus niruri* (quebra-pedra), *Papaver somniferum* (papoula/ópio) e *Salix alba* (salgueiro) — e elaboraram conteúdos sobre história, usos populares, principais metabólitos bioativos e a trajetória até desenvolvimento de fármacos derivados. Produziu-se um conjunto de três quadros e doze placas com fotografias das plantas, indicação de princípio ativo e uso (**Figura 1**). (3) Aplicação da dinâmica: visitantes foram convidados a formar “trincas” associando

espécie vegetal, princípio ativo e atividade biológica. Os discentes realizaram uma validação dialogada: nos acertos, aprofundou-se a discussão com base nos conhecimentos prévios do participante; nos erros, procedeu-se à correção com explicações contextualizadas, incluindo segurança e contraindicações quando pertinente. As rodadas foram breves e contínuas ao longo da feira, com linguagem acessível e com ênfase no diálogo de saberes.



Figura 1: Foto da atividade “Trilha dos saberes”.

3. Resultados e Discussão

Durante o evento, compareceu um público diversificado — estudantes, docentes e, em sua maioria, moradores de Maringá e municípios vizinhos. Embora não tenha havido registro sistemático que permitisse quantificar participantes ou consolidar relatos individuais, foram coletadas observações qualitativas ao longo da atividade. A atividade extensionista foi realizada no dia 16 de maio das 16h00 às 23h00. Observou-se variação no fluxo ao longo do período: em determinados momentos, a adesão foi expressiva, com participação ativa, evidenciando amplo interesse pelo tema.

Adultos demonstraram maior familiaridade com plantas de ocorrência no Brasil. Identificou-se, de forma recorrente, a associação da “quebra-pedra” (*Phyllanthus niruri*) ao tratamento de cálculos renais, ainda que sem compreensão do princípio ativo; a morfina foi erroneamente vinculada ao “câncer”, possivelmente por seu uso no manejo de dor oncológica; e o ácido acetilsalicílico foi corretamente associado ao alívio da dor, mas raramente relacionado a uma espécie vegetal. Pouquíssimos participantes reconheceram a relação de *Catharanthus roseus* com a produção de fármacos amplamente utilizados no tratamento do câncer, como a vinblastina e a

vincristina. Esse desconhecimento possivelmente decorre do fato de a espécie ser frequentemente observada em jardins e terrenos baldios, o que pode diminuir a percepção de sua relevância farmacológica. De um modo geral, os adultos se sentiram confortáveis para relatar que já consumiram chás provenientes de diferentes plantas medicinais e aproveitaram a atividade para esclarecer dúvidas e cuidados de uso.

Já entre crianças e adolescentes, não se observou um padrão consistente de escolhas: em geral, desconheciam os usos medicinais das plantas e, em alguns casos, basearam suas decisões nas cores utilizadas para escrever o nome da planta, do princípio ativo e da indicação terapêutica ao compor a trinca. Esse recurso cromático foi empregado, propositalmente, a fim de verificar a ocorrência de associações casuais.

4. Considerações

A criação de um espaço de diálogo acessível, sustentado por evidências científicas, permitiu valorizar os saberes populares e, simultaneamente, orientar a população quanto ao uso seguro e responsável de plantas medicinais. Os resultados corroboram a relevância da integração entre o conhecimento tradicional e o científico, favorecendo práticas mais críticas, seguras e eficazes no uso de plantas medicinais e de fitoterápicos.

Referências

FRANCA, M. A.; LIMA, W. R.; OLIVEIRA, T. S.; SANTOS, J. N.; FIGUEREDO, C. A.; SOUSA, M. S.; GALVÃO, B. H. A.; COSTA, D. A. O uso da fitoterapia e suas implicações. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 4, p. 19626-19646, 2021.

NEWMAN, D. J.; CRAGG, G. M. Natural products as sources of new drugs over the nearly four decades from 01/1981 to 09/2019. *Journal of Natural Products*, Washington, v. 83, p. 770-803, 2020.

SIMÕES, C. M. O.; SCHENKEL, E. P.; GOSMANN, G.; MELLO, J. C. P.; MENTZ, L. A.; PETROVICK, P. R. *Farmacognosia: da planta ao medicamento*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

VIEGAS Jr., C.; BOLZANI, V. S.; BARREIRO, E. J. Os produtos naturais e a química medicinal moderna. *Química Nova*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 326-337, mar./abr. 2006.